

PORTUGAL E BRASIL: UM DIÁLOGO POÉTICO NO DIA 10 DE JUNHO

*José Blanco*¹

Perante a solenidade da ocasião, a grandeza desta Casa e a ilustre assistência que eu sabia aqui hoje se reuniria, tomei a decisão de reduzir ao mínimo a minha própria voz, para deixar que outras vozes mais válidas por mim falassem.

Inspirou-me uma idéia de Eduardo Lourenço que, escrevendo um dia sobre as comemorações camonianas, defendeu que nelas deveriam ter lugar privilegiado, mais do que quaisquer outros, os poetas, por ele definidos como esses “homens em cuja imaginação prossegue o diálogo mais fundo com o mistério do seu tempo”.

Sob a égide de Camões, o encontro de Poetas que aqui vai acontecer celebrará, penso eu, a verdade profunda deste dia. Em nenhum outro lugar do vasto mundo onde vivem Portugueses o poderia fazer desta maneira: é aqui no Brasil, na nossa língua comum, sem necessidade de intermediários, que poetas dos dois países podem unir as suas vozes no festejar desde dia.

Mandam as regras que se comece pelo princípio. Não sei se com tal ditame se compadecem os poetas, mas quero dar o exemplo. O princípio foi, evidentemente, o achamento do Brasil por Portugal. À muito co-

(1) Discurso pronunciado no Real Gabinete Português de Leitura, nas celebrações do “Dia de Portugal” promovidas pela Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e pelo Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Rio de Janeiro. O Dr. José Blanco é Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian e autor de vários estudos e trabalhos literários

nhecida e bela descrição do português Pero Vaz de Caminha corresponde, quase quinhentos anos depois, a versão poética do brasileiro Menotti del Picchia que, na sua história da *República dos Estados Unidos do Brasil*, assim descreve o acontecimento:

INAUGURAÇÃO

*A convite da História Universal
que havia marcado a festa para 21 de Abril,
o almirante Pedro Álvares Cabral
veio com uma frota de luzidas caravelas
num séquito naval de mastros e de velas,
de estandartes e cruzes,
de sotainas, alabardas, couraças e arcabuzes
inaugurar a futura República
dos Estados Unidos do Brasil.*

*A terra se enfeitara das mais raras maravilhas:
pássaros, parasitas, caciques e serpentes,
urros e pios, gritos e cânticos dolentes
e o mar de azulejo
palpitava de pirogas e de quilhas.*

*Pelas picadas da floresta
foram chegando as delegações da terra:
generais carijós com tangas e missangas,
coronéis botocudos com escudos,
tocantins com inúbias, bororos com tacapés,
comissões de xavantes, guaicururus e guaraparés.*

*Das curvas bruscas dos rios
em igarapés, tangendo borés, surgiram pajés
bêbedos de sangue tapuia,
trazendo ao almirante português
alvíssaras das tabas tabajaras...*

*E Pedro Álvares Cabral
para inaugurar a pátria de Washington Luís
fincou na terra uma cruz.*

*E, de noite, o estelário queimou fogos-de-artifício no céu do equador.
E os marinheiros trouxeram de bordo as guitarras para que
[dessem à luz
a primeira saudade brasileira...*

Partindo deste importantíssimo tema luso-brasileiro que é a saudade, tomaremos o foguetão intertemporal dos poetas que nos vai trazer até aos nossos dias, com uma breve paragem no século XIX.

É que isto de uma saudade com quase quinhentos anos é algo de realmente precioso, jóia inigualável do nosso património comum. Portugueses e Brasileiros, no Brasil ou em Portugal, choram pelo seu país, tal como já Antônio Nobre, em Paris, se consumia de saudades da pátria.

Vai longe o ano de 1853, quando, em Lisboa, Casimiro de Abreu, a mão tremendo de romantismo e saudade (tal como Gonçalves Dias dez anos antes, em Coimbra) comovia até às lágrimas os seus leitores do Brasil imperial:

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;*

*Faz com que viva, Senhor!, dá-me de novo
Os gozos do meu lar!*

[...]

*Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;*

*Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!*

*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus, não seja já;*

*Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!*

Em tempos modernos e com uma linguagem diferente, Vinícius de Moraes não consegue vencer a saudade, que canta num histórico disco gravado em Lisboa, em casa de Amália Rodrigues, entre poetas portugueses amigos: David Mourão-Ferreira, Natália Correia e Carlos Ary dos Santos. Nessa memorável ocasião de música e de poesia, dá-se, naturalmente, uma aproximação total entre Portugal e o Brasil, através de dois grandes artistas: Vinícius e Amália, o primeiro em jeito de balada, a segunda em tom de fado, cantam:

SAUDADES DO BRASIL
EM PORTUGAL

*O sal das minhas lágrimas de amor criou o mar
Que existe entre nós dois p'ra nos unir e separar
Pudesse eu te dizer a dor que dói dentro de mim
Que mói meu coração nesta paixão que não tem fim
Ausência tão cruel, saudade tão fatal
Saudades do Brasil em Portugal.*

A saudade reveste uma forma mais sofisticada, por ser a que um Brasileiro sente, não pelo Brasil, mas por Portugal, nos poemas de Ribeiro Couto, que em Lisboa escreveu, entre 1943 e 1946, o seu livro *Entre mar e rio*. Dele faz parte o soneto:

ADEUS À RUA CASTILHO

*Não verás mais o Tejo nem as cores
Que remoçam ao sol, no casario.
Em breve, pelas terras aonde fores;
Terás saudades do entre mar e rio.*

*Mesmo num chão em que haja as mesmas flores
Ou sob um céu do mesmo azul macio,
Até mesmo encontrando outros amores
Teu coração já baterá mais frio.*

*Porque na pedra antiga de Lisboa
Fica a razão de ser da tua raça,
A voz que ralha, mas não atraiçoa,*

*Fica este não-sei-quê de firme e obscuro
Que vem de longe e no teu peito passa,
Passado que é presente e que é futuro.*

É a mesma saudade, mas num registro diferente, aquela que Odylo Costa Filho transmite no soneto, escrito em Lisboa, tal como o de Ribeiro Couto, e cujo título o liga diretamente às raízes de Antônio Nobre:

SONETO DO SÓ

*Só, neste chão ocidental da Europa,
sou apenas lembrança, e só lembrança.
A fé, se a não perdi, é que me agurro
Ao Padre Nosso que escutei menino.*

*A saudade me tira o gosto às coisas
e me resseca os olhos enevoados.
Campos e barcos, trajes, casas, rios
atravessam-me o corpo sem ficar.*

*Mas espero no espírito e no sangue.
As rezas que aprendi e que ensinei
hão-de chegar a tempo de salvar-me.*

*Traspassado do límpido segredo,
hei-de com os dedos arrancar à terra
alegria de amor que não se acabe.*

É sempre a mesma saudade que leva um dia um poeta português, Vitorino Nemésio, a enviar, no seu *ABC do Rio de Janeiro*, escrito em Copacabana, uma mensagem póstuma à grande Cecília Meireles. Nemésio diz-nos que o Rio de Janeiro

*[...] Tem as noites do Cruzeiro, as pedras lúcidas
Coube a seu coração a transparência e o diedro,
A tudo nele a voz deu um ar de família,
Que se o Porto guardou o coração de Pedro
Só o Rio cerrou os olhos a Cecília.*

*Amiga, como foi? Quem te desapareceu?
Tão docemente ainda um verso em tua mão!
De sete anos passados no Rio nos tem memória,
Também não poderei já dar a nosso encontro
Nem aonde nem céu, que em outro Rio és água.
Agata para cinza em souvenir me deste,
E a todos nós no mais de tua voz encheste.*

Foi Cecília Meireles quem descreveu assim, com ternura e colorido, uma viagem de

IDA E VOLTA A PORTUGAL

*Olival de prata
veludosos pinhos,
clara madrugada,
dourados caminhos,
lembrai-vos da graça
com que os meus vizinhos,
numa cavalgada,
com frutas e vinhos,
lenços de escarlata,
cestas e burrinhos,
foram pelas estradas,
assustando os moinhos
com suas risadas,
pondo em fuga cabras,
ventos, passarinhos...*

*Ai, como cantavam!
Ai, como se riam!*

*Seus corpos — roseiras,
Seus olhos — diamantes.*

*Ora vamos ao campo colher amoras
e amores!
A amar, amadores amantes! (...)*

Cecília Meireles era de origem portuguesa muito próxima, pois o seu avô paterno era português e a sua avó materna dos Açores.

A voz do sangue pesa muito. Que o diga, como o disse, Augusto Frederico Schmidt:

MEUS AVÓS PORTUGUESES

*Meus avós portugueses no meu sangue
Estão falando há muito, e é assim somente
Que, por vezes, as vozes de outros sangues
Não se fazem ouvir e não comandam.*

*Meus avós portugueses são teimosos
E procuram vencer-me transformando
Essas minhas volúpias de erradio,
De vagamundo, em nobres sentimentos*

*Querem-me esses avós, no Minho e Douro
Um ser capaz de amar a terra à antiga,
E nesse amor construir toda uma vida;*

*Querem-me um crente em Deus e um fiel exemplo
De constância no amor: e, é certo, às vezes,
Isso acontece, mas somente às vezes.*

Tenho ouvido, por vezes, especular como seria o Brasil se aqui tivessem chegado e aqui tivessem lutado, em vez de Portugueses, gentes de outras nações.

A meu ver, a resposta a essa interrogação foi dada, em termos poeticamente convincentes, por Jorge de Lima, num saboroso poema sobre o mulato Domingos Fernandes Calabar, colaboracionista dos invasores holandeses que, em 1630, ocuparam a capitania de Pernambuco:

CALABAR

*Domingos Fernandes Calabar
eu te perdôo!
Tu não sabias
decerto o que fazias
filho cafuz
de sinhá Ângela do Arraial do Bom Jesus.*

*Se tu vencesses, Calabar!
Se em vez de portugueses,
– holandeses?
Ai de nós!
Ai de nós sem as coisas deliciosas
que em nós moram:
redes,
rezas,
novenas,
procissões, -
e essa tristeza, Calabar,
e essa alegria danada, que se sente
subindo, balançando, a alma da gente.
Calabar, tu não sentiste
essa alegria gostosa de ser triste!*

Alegria gostosa de ser triste — o que é ela senão o Amor, esse *contentamento descontente* de que nos fala Camões. Eis que os Poetas, a partir da saudade, nos levam ao cerne da questão.

Que me seja perdoada a jactância, mas só aqui poderia dizê-lo: ninguém até hoje me conseguiu convencer de que é na língua portuguesa, e em mais nenhuma outra, que o Amor mais naturalmente — e mais complexamente — pode ser cantado.

Dar-vos-ei um exemplo através de dois sonetos, um escrito por um poeta brasileiro, outro por um poeta português.

Deixarei para depois da leitura a revelação dos seus nomes; lidos assim, incógnitos, estou certo de que achareis difícil a atribuição a um e a outro, de tal modo ambos se encadeiam e se completam, não apenas em conteúdo como na própria forma.

*Amo-te muito, meu amor; e tanto
que, ao ter-te, amo-te mais, e mais ainda
depois de ter-te, meu amor. Não finda
com o próprio amor o amor do teu encanto.*

*Que encanto é o teu? Se continua enquanto
sofro a traição dos que, viscosos, prendem,
por uma paz da guerra a que se vendem,
a pura liberdade do meu canto,*

*um cântico da terra e do seu povo,
nesta invenção da humanidade inteira
que a cada instante há que inventar de novo,*

*tão quase é coisa ou sucessão que passa...
Que encanto é o teu? Deitado à tua beira,
sei que se rasga, eterno, o véu da Graça.*

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

O primeiro é o Soneto VIII do livro *As Evidências*, de Jorge de Sena, o grande poeta português que viveu no Brasil. O segundo, com o título *Soneto da Fidelidade*, é de Vinícius de Moraes.

Sena e Vinícius bem poderiam, qualquer deles, dizer um ao outro como Adolfo Casais Monteiro — outro poeta português que viveu longos anos no Brasil — dizia a Ribeiro Couto na *Correspondência de Família* que ambos trocaram, sobre o Atlântico, em 1933:

*Irmão!
Veio de longe a tua mão estendida
E tive a revelação
De quanto vale o abraço daqueles do mesmo sangue
Quando se encontram os rumos
Das nossas vidas errando
Pelo silêncio do mundo.*

Neste ponto, estarão certamente alguns de vós surpreendidos com o facto de o orador, conhecidamente dado às lides de Fernando Pessoa, ainda nem sequer ter citado o nome desse monstro sagrado, inevitável e inesgotável, ponto de referência obrigatório da poesia contemporânea em língua portuguesa. Vou fazê-lo, embora, como até aqui aconteceu, pela voz de um poeta brasileiro.

Pegando na palavra célebre do *poeta fingidor*, numa aproximação que não deixa de ser uma reacção irónica contra a sombra obsessiva que Pessoa continua a lançar sobre outros poetas de ambos os lados do Atlântico, Guilhermino César escreveu em 1977 este excelente

RETRATO FINGIDO

*Esse poeta é um fingidor
finge tão safadamente
que chega a ser furta-côr
para ficar coerente.*

*E como a roda da vida
não desenrola ninguém
o poeta continua ausente
da vida que ele não tem.*

Como é sabido, Fernando Pessoa tinha ciúmes de Camões. No seu desmedido egocentrismo, já em 1912, com 28 anos, anunciava o próximo aparecimento do *poeta supremo da nossa raça*, o *Supra-Camões*, que, obviamente, era ele próprio.

Para Pessoa, *Camões não foi mais que o que esqueceu fazer*. E fazendo uma espécie de promoção antecipada da *Mensagem*, que um dia viria a publicar, o poeta português afirmou com descaro: "*Os Lusíadas*" *é grande, mas nunca se escreveu a valer*"

Não era essa a opinião que sobre Camões tinha Manuel Bandeira, aliás, contemporâneo de Pessoa, pois nasceu dois anos antes dele, tendo-lhe no entanto sobrevivido quase 30 anos:

A CAMÕES

*Quando n'alma pesar da tua raça
A névoa de apagada e vil tristeza,
Busque ela sempre a glória que não passa,
Em teu poema de heroísmo e de beleza.*

*Gênio purificado na desgraça,
Tu resumiste em ti toda a grandeza:
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.*

*E enquanto o fero canto ecoar na mente
Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente,*

*Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.*

Há pouco, um poeta brasileiro — Augusto Frederico Schmidt — falou-nos dos seus avós portugueses.

E se, invertendo completamente a situação, fálássemos nós, portugueses, dos nossos avós *brasileiros*?

Tal é possível, através de uma cabriola que só os poetas podem dar sem risco. Neste caso, o poeta é o português Alexandre O'Neill e o poema

— em que se misturam, em doses iguais, um sentimento de profundo carinho e um humor tipicamente lisboeta — foi escrito no dia em que Manuel Bandeira fez oitenta anos:

ALÔ, VOVÔ

*Esperei vê-lo por aqui um dia, seu dentuças,
travar-lhe do braço e contar-lhe como o Maximiliano do México
[foi parar ao Rossio*

*(toda a gente julga que é Pedro IV o pedestalizado),
apontar-lhe o frustrâneo cotovelo lusitano
no mármore dos cafés,
comer com Você joaquinzinhos inteirinhos e duma só vez,
fazer boca ou boqueirão com o vinho (que era) de tostão,
mostrar-lhe como eu e o Cinati caprichamos nas saladas
(aqui não põem coentros na salada, calcule Você!)
saladas de alface, agrião
coentro,
rabanete, tomate,
mais coentro,
mas “cebola, não!”...*

[...]

*Um pulo à casa onde nasceu o Pessoa, sim?
(Nós não somos pessoas assim à toa, não!)
E em minha casa, à Rua da Saudade, a cavaleiro do rio,
Você podia fumar escondido dos adultos
como na outra Saudade do seu Recife de menino.
Depois: broto, ou brisa
Com Anarina, mas sem Adalgisa...*

*Atenção, Poeta: re-cepção!
Iríamos deixá-lo à porta da recepção,
da sessão de autógrafos,
de antropófagos,
às mãos dos vestibulantes tão (p)restantes.*

*À saída lá estaríamos pra levá-lo ao hotel
e, esquecida a poesia, a literatura,
num repente de ternura pegar-lhe na mão:*

— Sua bênção, Vovô Manuel!

Penso que terá ficado provada a teoria de Eduardo Lourenço e que os poetas que trouxe de visita cumpriram a missão de que os incumbi.

Por obra e graça deles, fizemos uma rápida mas envolvente viagem pela via dupla da Saudade e do Amor, fechando o círculo daquilo que hoje aqui nos reuniu, neste Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: a alegria única e o orgulho incomparável de podermos celebrar juntos, Portugueses e Brasileiros, o Dia 10 de Junho.